



Humanas monstruosidades

Milena Britto¹

“Eu, monstro do meu desejo, carne de cada uma de minhas pinceladas, lenço azul do meu corpo, pintora do meu andar, não quero mais títulos para encaixar, não quero mais cargos, nem armários, nem o nome exato que me reserve nenhuma ciência. Eu, borboleta alheia à modernidade, à pós-modernidade, à normalidade... Oblíqua, Silvestre, Vesga, Artesanal, Poeta da barbárie, com o húmus do meu cantar, com o arco-íris do meu cantar, e com meu esvoaçar: reivindico o meu direito de ser um monstro e que os outros sejam o Normal.”

Com um trecho de um poema de Susy Shock, de onde saiu o título “Que os outros sejam o normal: tensões entre o movimento LGBT e ativismo queer”, de Leandro Colling, é que minha leitura começa.

Neste cruzamento de texto poético com o resultado de uma pesquisa, me interessa tomar de empréstimo da Susy as palavras **ciência**, **pós-modernidade**, **normalidade**, **borboleta** e, claro, **monstro**. Essas palavras, metafórica e dissidentemente, se materializam, ao meu ver, na mirada e no procedimento “científico-queer-sexual” que Colling adota em seu percorrido pela cena da militância LGBT, do ativismo queer e das políticas públicas e marcos legais para populações de quatro países, dois europeus - Portugal e Espanha - e dois latinos, Argentina e Chile. E, claro, entre todos, o Brasil se faz presente no interesse do próprio Leandro de fazer esse cruzamento para entender criticamente a atualidade das nossas políticas públicas, pensadas a partir de um lugar crítico e teórico, que - no nosso caso, já que aqui me situo também - se traduz na teoria queer: desde o não encerramento identitário, no reconhecimento de diferenças e múltiplas formas de exercer os rasgos de gênero e sexualidade, se retira um potente campo político em torno dos corpos que não se sujeitam a uma heternormatividade, seja esta de gênero, desejo, sexo, política, ou social, e que desejam exercer e usufruir da cidadania que é direito de todos. Se, entretanto, essa potência se põe em prática - e como - é o que esta pesquisa tenta saber.

¹ Doutora em Literatura Brasileira, Professora Adjunta 3 do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia e Consultora da Unesco/Funarte para o Plano Nacional das Artes. E-mail: milenabritto31@gmail.com

Borboleta

Numa mirada borboleta, o autor diz que o livro não traz respostas e sim reflexões sobre políticas públicas sexuais e de gênero atuais, reconhecendo-as em construção: “(...) porque minha proposta é a de contribuir com um debate que obviamente está inconcluso.” Como as transformações de uma borboleta, que começa e termina sua vida em transmutações de corpo, cor, asa, o livro é o próprio percorrido de Leandro por esses países, decifrando a si mesmo, o seu mundo político, o lugar de seu ativismo - a academia - e procurando entender o que está *más allá* de suas aulas.

Suas asas foram deixadas por aí ou contaminadas e modificadas por tudo o que viu. O mais radical e significativo desse borboletear foi perder a sua mãe enquanto nascia este livro: “Amor incondicional, minha parceira, que sempre me apoiou em tudo, que nunca me discriminou por ser como sou, pelas minhas grandes e pequenas mudanças em todas as esferas. (...) que Oyá, pelo dia que é de hoje, lhe guie pelos melhores mundos.” Esse livro, pois, resulta também em grandes e pequenas mudanças, de olhar, de escolhas, de perspectiva de quem não teme deixar por aí as asas. Perder a pessoa que incondicionalmente o apoiou enquanto realizava esta pesquisa entra diretamente na questão crucial do livro de Leandro: aceitação e respeito, não só por aqueles que nos amam, mas pela sociedade à qual pertencemos, sem que seja preciso mutilar nenhum aspecto de nosso ser ou perder nossas vidas, nossa dignidade, nossa liberdade.

Sem dúvida, as questões queer relacionadas às leis que garantem direitos civis são mais evidentes na pesquisa de Leandro, seja pelas conquistas, seja pelas incoerências em alguns dos países. A relação dos legais e políticos com os movimentos/ativismos queer e/ou LGBT é o que “Que os outros sejam o normal...” oferece de particular, de especial. Acrescento também que o livro discute e discorda de uma tendência dos movimentos LGBT de “uma certa globalização gay”.

O que o autor chama de movimentos LGBT são “os que possuem sede própria, estrutura legal e administração hierarquizada”, enquanto que os coletivos queer, citando ele a definição de Letícia Rojas, “se organizam em assembléias; não possuem sede própria; são



auto-geridos, tem iniciativas próprias e alternativas; são independentes e com característica de oposição às múltiplas diferenças”.

Ciência, pós-modernidade

Colling consegue quebrar o peso da linguagem acadêmica, numa prática pós-moderna antilinearidade e sem a habitual falsa-neutralidade. Oferece um livro de leitura agradável, com o uso honesto da primeira pessoa localizando-o dentro do campo e não como mero observador; também não teme incluir palavras habitualmente censuradas ou estigmatizadas como *cu*, *sapatão*, *viado*, *puta* e outras similares, com o claro objetivo de reverter, ressignificar as ofensas e estigmas sofridos pelas comunidades queer.

Para as suas análises, o autor baseia-se em 35 entrevistas aprofundadas com figuras relevantes e atuantes dos 4 países para elaborar os “flertes” e as “transas” – como ele denomina esses encontros e como divide as partes da obra – que geram uma mirada crítica sobre os paradoxos e os pontos de contato entre as cenas observadas, como, por exemplo, o fato de Portugal ter sido um dos primeiros países a aprovar o casamento entre pessoas do mesmo sexo, mas, ao mesmo tempo, aprovou também leis contrárias à adoção de crianças pelos casais gays - o que revela o disparate de não reconhecer esses casais como família.

Sobre o tema do matrimônio igualitário, é comum entre os ativistas queer a opinião de esse não ser um resultado que satisfaça ou contemple a grande diversidade de formas de estar nas relações e no mundo, mas é uma demanda LGBT comum. Para o movimento LGBT, isso representa uma grande conquista e até há quem fale – tá no livro – que tendo isso já não faz falta outras demandas, como se isso fosse o ápice para alguns movimentos LGBT; obviamente, para o mundo queer, ainda que se reconheça a importância da conquista, essa atitude mais se assemelha a um comportamento heteronormativo herdado dos procedimentos sócio-religiosos do que respeito às outras formas de se relacionar, pois há os poliamorosos, os bissexuais, outras formas familiares e de amor que não se restringem a duas pessoas.

Momento chave da análise em Portugal são revelados em entrevistas com pessoas das Panteras Rosa - em particular Sérgio Vitorino - um coletivo queer que opera através de redes, muito engajado em questões de direitos das comunidades trans, lésbicas e gays, especificamente em relação à saúde, despatologização das identidades trans, violências, invisibilidades e direitos civis.



Comentar, dar a palavra aos entrevistados, evidenciar as emoções e descrever os encontros são parte da estratégia “anticientífica tradicional” do pesquisador. Desconstruir o método científico é, pois, uma das condições que o próprio Leandro se impõe na escrita de seu livro, num desafio consciente de que não dá para seguir as regras se se pretende desenquadrá-las.

O livro é em si uma amostra das diferenças que coexistem entre movimentos, ativismos e reivindicações do universo trans, lésbico, gay e bissexual.

Normalidade, monstro

O que igualmente se lê em muitos dos depoimentos dos ativistas queer em todo o livro é a reivindicação de não se perder de vista o direito a não ser enquadrado, normatizado, ser visto e apontado como normal, já que é essa a estratégia de muitos dos marcos legais e políticas em torno do movimento LGBT.

Na Argentina, o marco legal mais significativo foi a lei da identidade de gênero, considerada uma das mais avançadas no mundo por exigir atestados médicos e similares para quem deseja mudar o seu nome em seus documentos. A lei foi lograda logo após a aprovação da lei de legalização do casamento, revela a pesquisa de Colling. Entretanto, o pesquisador constatou que neste país nenhum coletivo de ativistas se autodenomina queer: “Ao contrário de Portugal, Chile e Espanha, não há hoje no país algum coletivo que se autodenomine de ativismo queer. Mas já houve. (...) A Argentina pode não ter um coletivo queer ou de dissidência sexual, como no Chile, mas as reflexões oriundas dos estudos queer, ainda que para muitas pessoas do ativismo local não pareça, exerceram e exercem significativa influência.”

No Chile, Leandro destaca que a principal lei aprovada até então havia sido a lei antidiscriminação, que parece ser muito avançada aparentemente, contudo, ele destaca as críticas que vários movimentos fazem à esta lei, incluindo a ausência de políticas públicas de apoio para o o combate à homofobia. Também no Chile se destacam trabalhos no campo da cultura e das artes, em geral os que mais acionam a teoria queer.

Em mais destaque no livro estão as tensões e movimentos ibéricos, mais nitidamente encorpados e organizados, tanto em se tratando de conquistas de marcos legais e de pressões para outras conquistas, como a lei de de identidade de gênero, quanto de pressões para a incorporação de outros direitos, como os relacionados aos imigrantes queer, no caso da Espanha.



Na Espanha se destaca, ainda, o ativismo queer das feministas e transfeministas, como o do coletivo ativista Transmaricabollo del Sol.

Ao contrário da tentativa de mostrar que a comunidade LGBT é normal e merece ter os direitos “normais” dos heterossexuais, os ativistas queer estão sempre se distanciando dessa pretensa normalidade e reivindicando o seu direito de serem “monstros”, assim entendido o ápice de qualquer diferença, a maior possível, em relação às práticas heteronormativas.

O livro, muito agradável de se ler e com uma pesquisa relevante e consistente, é de fato uma leitura fundamental para repensarmos a nós mesmos desde esse ponto de sujeitos que estão construindo e exigindo direitos cidadãos; e, sobretudo, para compreender, analisando o contexto dos quatro países escolhidos, que conquistar marcos legais de forma alguma significa conquistar políticas públicas que nos permitam exercer livremente as nossas diferenças. Uma boa oportunidade para entender o complexo tema das sexualidades, dos gêneros, das leis que se acercam cada vez mais das pesquisas ditas queer.

A transformação que permite o autor encontrar algumas respostas e modificar seu olhar sobre algumas questões é a mesma oferecida ao leitor, sob o encanto da arte, do pensamento, da teoria, da luta de nomes que agora fazem parte de nossas miradas como Judith Butler, Paul B. Preciado, João Manoel de Oliveira, Marlene Wayar, Andrés Ignacio Rivera, Erika Montecinos, Felipe Rivas, Mónica Redondo, Gracia Trujillo, Leticia Rojas, Juan Pablo Sutherland, Fernando Cascais, Sérgio Vitorino, Leonor Silvestri e muitos outros nomes que este livro traz. Vale a pena nos misturarmos ali. E gozarmos nos encontros que nos apeterem.

